

BRUNO FERREIRA COSTA

# QUO VADIS EUROPA

A ENCRUZILHADA EUROPEIA

Entre o ideário romântico e o pragmatismo político



Prefácio

Pedro Santana Lopes



EDIÇÕES SÍLABO

*Aos que ousam sonhar, hoje e sempre.*

*Aos que desafiam os seus limites e capacidades.*

*Aos que ousam pensar, sem barreiras e de espírito livre.*

# *QUO VADIS* **EUROPA**

A ENCRUZILHADA EUROPEIA

Entre o ideário romântico  
e o pragmatismo político

BRUNO FERREIRA COSTA

*EDIÇÕES SÍLABO*

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede  
[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

#### FICHA TÉCNICA

Título: *Quo Vadis* Europa – A Encruzilhada Europeia  
– Entre o ideário romântico e o pragmatismo político

Autor: Bruno Ferreira Costa

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, fevereiro de 2019

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 452310/19

ISBN: 978-972-618-995-4



**EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

# Índice

<b>Abreviaturas</b>	9
<b>Prefácio</b>	11
<b>Introdução</b>	15

## **Capítulo I**

---

### **União Europeia: uma visão concetual**

Estado	25
Soberania	29
Federalismo	32
Integração	36

## **Capítulo II**

---

### **A evolução da União Europeia**

Do relatório Schuman à fusão das comunidades	41
A evolução do alargamento	47
Alargamento político ou geográfico?	58
A evolução do aprofundamento institucional	60

### **Capítulo III**

---

#### **Rumo a novos alargamentos**

Turquia	77
Antiga República Jugoslava da Macedónia	83
Montenegro	88
Sérvia	92
Albânia	97
Bósnia-Herzegovina	100
Kosovo	103
Islândia – ou o pragmatismo isolacionista	107

### **Capítulo IV**

---

#### **Um futuro incerto**

Alargamento vs. Aprofundamento	115
A problemática das fronteiras da União Europeia	120
Novas perspetivas de alargamento: a Europa para além dos Balcãs e da Turquia	123
Uma nova política de vizinhança	128

### **Capítulo V**

---

#### **Os desafios europeus**

A Europa face à problemática do terrorismo	135
A Europa face à crise dos refugiados	141
A economia como motor da des(união)	144

<b>Notas finais</b>	151
<b>Bibliografia</b>	155
Outras publicações	157
Webgrafia	158
<b>Anexo – Cronologia anotada</b>	161





## Abreviaturas

CED	Comunidade Europeia de Defesa
CEE	Comunidade Económica Europeia
CECA	Comunidade Europeia do Carvão e do Aço
EEE	Espaço Económico Europeu
EFTA	<i>European Free Trade Association</i> (Associação Europeia de Comércio Livre)
EUA	Estados Unidos da América
EURATOM	Comunidade Europeia de Energia Atómica
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
JAI	Justiça e Assuntos Internos
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico
OECE	Organização Europeia de Cooperação Económica
OIC	Organização para a Cooperação Islâmica
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PAC	Política Agrícola Comum
PEA	Processo de Estabilização e Associação
PESC	Política Externa e de Segurança Comum
PEV	Política Europeia de Vizinhança
UE	União Europeia
UEM	União Económica e Monetária
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



## Prefácio

O autor apresenta esta obra como «mais um contributo para a definição de estratégias, para a clarificação do projeto europeu». É uma perspetiva modesta, característica da pessoa que é, mas na verdade é muito mais do que isso.

O autor fez um levantamento exaustivo da história da construção europeia até aos dias de hoje, mas não se limitou a fazê-lo de um modo meramente descritivo. Encontramos, mais do que isso, opiniões claras de um modo prospetivo e frequentemente apontando caminhos que, na sua opinião, conduzirão a Europa e as nações que a constroem no rumo certo.

A este propósito não deixo de realçar que, embora aqui e ali tenha opiniões divergentes, o papel dos Estados na construção europeia não pode ser visto como uma mera participação no institucionalismo dos corredores europeus. A crítica eventualmente mais comum a «Bruxelas» talvez seja a de que é um encosto de burocratas, distantes dos cidadãos, mais interessados no *bargaining* do processo de codecisão do que propriamente em fazer o bem pelas pessoas.

Como bem relembra o autor citando Monnet, a União não serve para unir os Estados mas para unir as pessoas.

E quanto a este ponto, a pergunta que se impõe é quem mais e melhor poderá defender as pessoas do que os Estados a que elas pertencem e com que elas mais se identificam do ponto de vista cívico e cultural?

O papel dos Estados na União Europeia não pode deixar de partir de baixo para cima. Dos Estados para a Europa. No caso

de Portugal, temos sido o exemplo do bom aluno, o que cumpre integralmente com as decisões de Bruxelas e ainda assim há um cada vez maior afastamento dos portugueses face à União Europeia, afastamento este que se evidencia de cinco em cinco anos em taxas de abstenção avassaladoras.

Sem prejuízo, o relacionamento dos Estados com a Europa e uma atitude mais firme de todos na proteção dos interesses dos seus cidadãos, não passa exclusivamente por esta relação defensiva, senão também por uma postura mais ativa e interessada, vertical, promotora e protetora, da União Europeia perante os cidadãos europeus. Existem nítidas disparidades entre Estados-membros que evidenciam um dos maiores desfasamentos entre os objetivos europeus e os resultados das políticas europeias – a coesão económica e social – e a União Europeia não se pode limitar ao papel de legislador e sancionador.

A União Europeia está num momento decisivo que não se ultrapassa com meias decisões. E não se ultrapassa mesmo se não se conseguir essa verdadeira coesão económica e social. Tão ou mais importante do que as metas macroeconómicas do Tratado de Maastricht, é a convergência económica e social entre os diferentes Estados da União. Para o conseguirem, os Estados têm de conciliar a lealdade ao projeto europeu com a fidelidade aos seus cidadãos e às suas necessidades e aspirações.

A grande tônica desta obra é, porém, a da dualidade aprofundamento *vs.* alargamento. Creio que a questão do alargamento já teve dias de maior vivacidade, ora discutindo a questão turca ora aquando do grande alargamento de 2004 e 2007 ou das candidaturas dos países mais jovens de leste, mas mantém-se atual nomeadamente por países dos Balcãs.

Fruto, porém, de diversos fatores exógenos, é no entanto primordial a discussão em torno do aprofundamento, sem nos deixarmos cair na tentação de, por um lado, entendermos que só há mais aprofundamento se a União Europeia for pelo caminho do federalismo e, por outro, de entender que as circunstâncias da vida política regional ditam a necessidade desse aprofunda-

mento. Seguir por esta via é adotar uma postura reativa e não construtiva, que não beneficia a clarividência dos caminhos a seguir em função de objetivos de médio e longo prazo mas antes em função de objetivos ao alcance da vista, tão típicos dos populismos em ascensão.

Quanto à questão do federalismo, não é nem pode ser uma inevitabilidade e, no limite, é contrário à natureza da União que tantas vezes é louvada por se traduzir numa verdadeira unidade na diversidade. Sim, são as culturas diferentes e os passados diferentes que criam esta diversidade que, em sua convivência de vizinhança, parceria e cooperação, desaguam num projeto meritório. Federalizá-las seria um erro.

Mérito ao autor, pessoa que, além do mais, bem conheço e estimo, pelo metódico trabalho de pesquisa e pelo rigor científico com que nos brinda, mas mérito também pela assertividade com que assume as suas posições num exercício construtivo de processamento dos dados e da informação que aqui nos traz. O resultado final é um testemunho de como todos nós podemos ter um papel fundamental na construção de um projeto europeu simultaneamente realista e ousado, verdadeiramente empenhado na construção de uma Europa solidária, justa e respeitadora do papel e do estatuto de cada Estado.

*Pedro Santana Lopes*



# Introdução

A presente obra tem por base um conjunto de reflexões com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as atuais perspectivas de alargamento/aprofundamento da União Europeia (UE). O tema escolhido reflete a importância da instituição «União Europeia» nos nossos dias, bem como as diversas problemáticas associadas à sua formação e à evolução da sua identidade. Mais do que entrar em generalizações abusivas sobre o projeto europeu e os êxitos até hoje alcançados, urge debater que caminhos devemos adotar e da real necessidade da existência da UE nos moldes atuais, nos nossos dias. Urge caminhar no sentido de compreender o enquadramento da UE à luz dos inúmeros desafios da comunidade internacional, nomeadamente as questões relacionadas com a crise económica, a problemática dos refugiados, a proliferação do terrorismo no espaço europeu e a ausência de lideranças capazes de promover as mudanças necessárias no projeto europeu. Vivemos a necessidade de levantar os problemas que compõem a Ciência Política na sua génese, sendo este um terreno fértil para o desenvolvimento de arrojados caminhos de sistematização dos problemas da atualidade.

Que Europa pretendemos construir? Em que Europa pretendemos viver? Qual o espaço reservado para a Europa das nações? Que respostas a Europa tem dado perante a crise económica e social que afeta todo o continente, em particular os países do sul? Quais as ameaças à atual estrutura da UE? Encontramo-nos perante uma verdadeira encruzilhada e na completa ausência de sinalética a indicar o rumo ou a direção a adotar, há que voltar às raízes, ou seja, compreender e difundir os motivos que

estiveram na origem da criação da União Europeia. Revisitar o percurso que nos conduziu ao reforço das relações entre Estados, promovendo a aproximação dos povos e a valorização da diversidade cultural como componente decisiva nas relações sociais. Relançar as bases da União, com a certeza que os «novos tempos» não permitem espaço para longos períodos de indecisão. A Europa do século XXI exige respostas perante os desafios políticos, económicos e sociais iminentes, sendo que os valores que estiveram na base da criação do projeto europeu não podem ser «amordaçados» pela insustentável deriva populista ou economicista. O rumo tem de passar por uma Europa que se afirme livre e defensora intransigente da coesão entre os diversos Estados-membros.

Procuramos, através desta reflexão, sistematizar a evolução da União Europeia e aprofundar a aprendizagem sobre a vida comunitária, de forma a refletir sobre os novos desafios que se apresentam aos Estados-membros. Importa, também, apresentar alguns caminhos que poderão ser adotados num futuro próximo, com o intuito de reforçar o processo de integração europeu e dinamizar as relações entre a UE e a restante comunidade internacional. Não podemos olvidar que a UE continua a ser um polo de desenvolvimento mundial, sendo regularmente o «centro de decisões» no âmbito da política internacional. Num discurso simples e acessível, procuramos contribuir para esse reforço do espírito e da cidadania europeia, numa tentativa de dar voz ao comum cidadão nesse processo de construção identitário.

O longo processo de construção europeu rompeu com inúmeras barreiras, tendo alcançado e produzido nas últimas décadas uma unidade impensável ao longo dos séculos – o continente das guerras deu lugar ao continente que desespera por uma paz permanente. A concretização de uma união dos povos e da partilha de uma base de identidade, idealizada por vários poetas, pensadores, filósofos, políticos e intelectuais europeus, é o resultado da vontade geral de construir uma sociedade alicerçada em valores como a liberdade, a segurança, o desenvolvimento sus-





BRUNO FERREIRA COSTA é natural de Avintes e Professor Auxiliar da Universidade da Beira Interior. Licenciado, Mestre e Doutor em Ciência Política pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa). É, ainda, investigador do LABCOM.IFP – Comunicação, Filosofia e Humanidades e membro da Associação Portuguesa de Ciência Política e da Midwest Political Science Association. Tem desenvolvido investigação no âmbito da análise dos sistemas políticos e eleitorais e da qualidade da democracia, sendo o autor de diversos artigos e contributos académicos nos últimos anos.

“ A presente obra tem por base um conjunto de reflexões com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as atuais perspetivas de alargamento/aprofundamento da União Europeia (UE). O tema escolhido reflete a importância da instituição «União Europeia» nos nossos dias, bem como as diversas problemáticas associadas à sua formação e à evolução da sua identidade. Mais do que entrar em generalizações abusivas sobre o projeto europeu e os êxitos até hoje alcançados, urge debater que caminhos devemos adotar e da real necessidade da existência da UE nos moldes atuais, nos nossos dias. Urge caminhar no sentido de compreender o enquadramento da UE à luz dos inúmeros desafios da comunidade internacional, nomeadamente as questões relacionadas com a crise económica, a problemática dos refugiados, a proliferação do terrorismo no espaço europeu e a ausência de lideranças capazes de promover as mudanças necessárias no projeto europeu. Vivemos a necessidade de levantar os problemas que compõem a ciência política na sua génese, sendo este um terreno fértil para o desenvolvimento de arrojados caminhos de sistematização dos problemas da atualidade.

Que Europa pretendemos construir? Em que Europa pretendemos viver? Qual o espaço reservado para a Europa das nações? Que respostas a Europa tem dado perante a crise económica e social que afeta todo o continente, em particular os países do sul? Quais as ameaças à atual estrutura da UE? (...)

*In* Introdução

